

As Descrições Infernais em *a Divina Comédia* e outras Possibilidades Espaciais

Ugo Pate Medeiros¹

Introdução

A *Divina Comédia*, talvez a maior obra poética do Ocidente, datada de 1300, narra o périplo do próprio autor Dante Alighieri através do pecado, da purificação e da salvação. Nessa viagem espiritual iniciada pela escuridão, ainda perdido e atordoado pelo vazio infinito, o florentino encontra o poeta Virgílio e esse torna-se seu guia por dois estágios *post mortem*: Inferno e Purgatório².

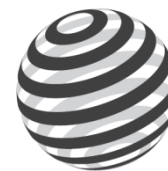
Mais do que uma alegoria medievalesca ou um tratado teológico, a obra é um convite aos primórdios da Geografia, remetendo aos versos de Homero em sua maravilhosa *Odisseia*. Nela, após anos batalhando em Tróia (atual Turquia), Ulisses e sua tripulação perdem-se no Mediterrâneo, vão ao norte da África, passam pela Sicília e chegam a Lisboa, o extremo oeste da Europa. Até o retorno à terra natal, Ítaca, Ulisses desbrava terras desconhecidas, lugares mágicos nunca vividos/sentidos pelos mortais. O herói grego é o primeiro ser humano a adentrar no mundo sobrenatural dos deuses, quebrando o movimento único e exclusivo do mundo dos entes eternos para o mundo dos homens. Houve ali uma mudança de um eixo horizontal, de relações horizontais baseadas no contato físico entre povos e lugares conhecidos, para um eixo vertical, com a transcendência. Nessa aventura, leitores/ouvintes transcendem o real rumo à imaginação e fazem contato direto com o divino. Tudo isso descrito pelos versos musicados de Homero, por isso é possível enxergar n'A *Odisseia* (século VIII a.C) o embrião do que viria a ser ciência geográfica.

Nesse contexto, o presente trabalho atenta para a utilização de grandes obras literárias no aprimoramento da investigação espacial. Essa relação estreita e profícua entre Geografia e Literatura complementa o desenvolvimento da descrição e da interpretação paisagísticas, como explicado por Brosseau (2007):

Assim, paradoxalmente, a literatura será, ao mesmo tempo, uma ferramenta para melhor penetrar na realidade objetiva e um meio eficaz para compreender os recônditos da alma. [...] a literatura contribui, de um lado, para regenerar nosso conhecimento sobre as qualidades objetivas das paisagens e, de outro lado, para refinar nossa compreensão sobre as experiências subjetivas ligadas a essas mesmas paisagens. Em resumo, a força da

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio – ugopmedeiros@hotmail.com

² Dante encerra a sua viagem no Paraíso, entretanto a Virgílio (pagão antes do nascimento de Cristo) não era permitido entrada.



literatura estaria em reunir a objetividade e a subjetividade, duas vertentes que mais se completam do que se afrontam (p. 32)

Essa imersão pelo campo subjetivo, sem perder o Norte objetivo da Geografia, viabiliza novas abordagens no ensino. Conceitos geográficos, portanto, são construídos – ou melhor, revisitados! – a partir da caminhada retroativa pela História. Zeny Rosendhal (2009), por exemplo, busca no mundo grego o nascimento da coisa urbana, esta inerente ao exercício do sagrado:

A orientação religiosa esteve evidente também no pensamento mítico por muitos séculos. Para Michell e Rhone (1991), há inúmeras indicações da existência do eixo principal da geografia sagrada grega. Trata-se da linha que liga os principais locais sagrados da Grécia através de Delfos, Atenas, Delos, Camiros, o templo de Apolo, em Prasaias, e outros espaços sagrados. Ressalva-se que tal linha guarda uma concordância do seu traçado no solo com as formas delineadas no Cosmo por alguns elementos do zodíaco. Graffin (1993) se detém em comprovar o grau de precisão do eixo quando projetado na superfície terrestre (p.81).

A identificação de certos elementos de natureza geográfica ainda durante a Antiguidade, como nos versos da *Odisseia*, cria um campo fértil para agregar e explorar teorias e autores inusitados, como o romeno Mircea Eliade. Referência seminal em mitologia, apesar de tratar especificamente sobre a estrutura do mito, pode-se estender sua análise aos objetivos deste artigo:

(...) o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (...) Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do sobrenatural) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje. (ELIADE, 2010, p.11)

Eliade dá a pista, neste livro essencial às ciências humanas, sobre a correlação entre a primeira concepção técnica de mundo, a leitura que os antigos fizeram deste (geográfica) e a interferência dos mitos em sua organização. Vale dizer que uma concepção de espaço ordenado só foi possível graças à imaginação mítica (BÉRARD, 1924), e a partir dela se constituíram os primeiros ensaios sobre Geografia³.

Dante pertence a uma linhagem nobre de “geógrafos acidentais” ao lado do já citado Homero e de Santo Agostinho (imortalizado em sua magnífica *Cidade de Deus*), e seu mérito é justamente explorar essas descrições oníricas vinculadas à sacralidade ou ao sobrenatural para compreender, ou melhor, apreender os sentidos e sentimentos humanos inscritos no espaço. O poeta da *Comédia*, através de fusões entre lugares reais, criações individuais e coletivas, personagens históricas, traz consigo toda a luz de uma época e as incríveis possibilidades da ciência geográfica. E, mais, em uma época tachada por muitos como “idade

3 Um breve histórico da cartografia desde os gregos encontra-se em SEEMANN (2003) e em CLAVAL (2010).

das trevas”. Nas palavras de T.S. Eliot (2013): “A *'desintegração'* da Europa começou pouco depois da época de Dante” (p.13).

Com base nessas ideias, pretende-se fazer uma análise do *Inferno* de Dante a partir do imaginário do poeta, relacionar com as referências ao mundo real e descrever o aproveitamento do espaço na formulação de versos, imagens literárias ou da retórica épica que notabilizou o grande escritor italiano.

Agora, além de enxergar na obra certas estruturas de natureza geográfica e relevância na formação dos profissionais da área e no ensino escolar, há outras duas questões secundárias. A primeira, uma articulação com outras descrições infernais, tomando-se como base a *Odisseia* de Homero e a *Eneida* de Virgílio (inspiradoras da *Comédia* dantesca), bem como o *Paraíso Perdido* de John Milton (influenciado por Dante).

A segunda questão: por que Dante escolheu o poeta, também italiano, Virgílio, como seu guia/mentor? Após algumas leituras converge-se ao fato deste último ser alguém que vivenciou diferentes espaços, refletindo-os em sua produção. *As Bucólicas* e *As Geórgicas* carregam um amor à vida do campo (espaço rural), cada um de uma forma diferente, com relações simples ou complexas. Na *Eneida*, reverbera um Virgílio cidadão da capital do Império Romano, amigo íntimo do Imperador Augusto e frequentador dos círculos intelectuais. Em suma, viveu durante o auge de um espaço muito próximo ao urbano. Portanto, seguindo a coerência dos critérios adotados, é possível afirmar que Virgílio é mais um dessa casta de “geógrafos acidentais”.

Uma Abordagem Cultural e Interdisciplinar

Discutiu-se inicialmente algumas passagens que apontaram para a presença de elementos embrionários de essência geográfica ainda na Grécia Antiga, agora é possível justificar e desenvolver o presente trabalho. Já é claro que a peça central é a obra-prima italiana. Agora entender-se-á o porquê dessa escolha exercer a mais alta influência na literatura medieval e representar a súpula teológica do período. O filósofo e teólogo tomista A.D. Sertillanges (2014) é certo ao afirmar que:

Tudo está em tudo, e uma compartimentação só é possível por abstração. Abstrair não é mentir, diz o provérbio: *abstrahere non est mentiri*; mas com a condição de que a abstração que distingue, que isola metodicamente, que concentra sua luz num dado ponto, não vá separar do que ela estuda o que lhe está mais ou menos diretamente relacionado. Cortar as comunicações de seu objeto é falseá-lo, pois suas conexões fazem parte dele (p. 90)

Ao bom profissional, seja ele artista, filósofo ou historiador, cabe investigar suas raízes, seu berço, a base que lhe dá sustentação/existência atual. Logo, cabe ao geógrafo mergulhar nesse mundo de figurações fabulosas, em que a imaginação expande os horizontes da percepção e da aprendizagem espacial. Barbosa (1999) elucida os pontos positivos de uma possível abstração. Apesar de referir-se ao audiovisual, sua ideia de superar métodos de ensino já desgastados vai de encontro com objetivo pedagógico do trabalho. Segundo o autor

Não se trata de criar mais uma ‘ilusão pedagógica’, prática bastante comum às burocracias do ensino. Nosso esforço vai ao encontro de caminhos possíveis (e não menos árduos) para



fazer de nossas aulas um momento de crítica da realidade em que vivemos e, ao mesmo tempo, um lugar para sonhar com o mundo – e não sem o mundo, como é mais comum em nossas vidas, tão marcadas pela desesperança. Nossa proposta se resume em comprar um bilhete para a nossa imaginação, cruzar a esquina e ir até o cinema (p. 110)

Diga-se, é mister sair do plano socioeconômico e/ou físico e enfrentar os significados de um universo a princípio inexplicável; conceber a Geografia também como uma extensão dos sentimentos. O filósofo Vicente Ferreira da Silva derruba esse muro que separa a geografia em um compartimento isolado dos sentimentos:

“Qual seria nossa surpresa se encontrássemos, ao abrir uma obra de filosofia, um capítulo dedicado não às formas puras, mas às formas ctônicas da Geografia! É certo que não acharíamos, de golpe, senso algum nessa aproximação, pois que concordâncias estabelecer entre as descrições objetivas e isentas da Geografia e o vulcanismo da alma, entre os cenários milenares dos rios e montanhas e o desenvolvimento rápido e trêmulo de nossa vida? Essas explorações parecem chocar-se e contradizer-se como direções verticais” (DA SILVA, 2009, p.25)

O “vulcanismo da alma” é a espacialização do imaterial, a explosão de sentimentos vinda da relação com a Transcendência. Tuan (2005) trabalha com a geografia do sentimento, mais especificamente o medo. Destina alguns capítulos ao medo gerado nos espaços urbanos e rurais e pelas calamidades naturais, ou seja, relacionando com o espaço físico/visível. Conseqüentemente, expresso pela concretude, seja como objeto, ferramenta ou instância última. Mas o geógrafo sino-americano é brilhante ao dissertar sobre medos mais abstratos, como às bruxas, aos fantasmas, ao passado ou na criança em crescimento. É justamente esta perspectiva da imaginação, algo mais psicológico, sem a materialidade das realidades sólidas que o trabalho valorizará: os elementos simbólicos criados pelos sentimentos humanos depositados nas contingências espaciais.

Essa busca e abstração pelos simbolismos inerentes ao espaço já se encontram em Russell Kirk. Na verdade, o norte-americano ainda exalta o caráter pedagógico e atemporal que as leituras fabulosas proporcionam ao ser humano como uma oportunidade de aperfeiçoamento humano a partir da capacidade que apenas o homem tem de se tornar um ser moral:

“(…) A Imaginação Moral cria metáforas a partir das imagens captadas pelos sentidos para posteriormente empregar na descoberta e julgamento da experiência. Os melhores exemplos de Imaginação Moral estão nos contos de fadas, nas obras clássicas da literatura universal e em textos históricos, filosóficos e teológicos” (KIRK, 2014, p.431).

É importante pontuar a extensão e profundidade da *Divina Comédia*, dividida em suas três partes: *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*. Trabalhar todo o poema seria extremamente pretensioso, uma missão para um pesquisador mais calejado. O objeto desta investigação será limitado ao submundo, ao *Inferno*. Essa viagem será um convite ao mundo da imaginação e Cosgrove (2000) explica, justamente, como dá-se essa construção onírica do espaço. Ele afirma que

“O trabalho da imaginação não é totalmente *reprodutivo* (isto é, determinado pelos dados sensoriais extraídos do mundo exterior, do qual ela depende), tampouco puramente *produtivo* (isto é, uma negação das imagens produzidas nesse mesmo mundo). A imaginação, ao contrário, desempenha um papel simbólico, capturando dados sensoriais sem reproduzi-los como imagens miméticas e “metamorfoseando-os” através da sua capacidade metafórica (...). As metamorfoses do mundo da imaginação podem gerar transformações materiais na natureza (...)” (p.36).

Descrições e Estruturas Infernais

O *Inferno* dantesco localiza-se logo abaixo de Jerusalém, a terra sagrada, e é dividido em um pré-inferno (Vestíbulo) e nove círculos que se aprofundam em cone em direção ao centro da terra. Os cinco primeiros e mais superficiais formam o Alto Inferno, já os quatro últimos e mais profundos, o Baixo Inferno. Quanto mais próximo ao centro da Terra, as punições intensificam-se, bem como as paisagens, que transmitem/refletem dor e aflição.

É válido pontuar que a cartografia desse mundo, segundo Dante, é baseada em quatro importantes eixos/referências: a já citada Jerusalém, o rio Ganges no extremo Oriente (Índia), e as colunas de Hércules, a Oeste (Marrocos). O ser que desbravasse (e sobrevivesse) todos os nove círculos do abismo, passando pelo centro da Terra (morada de Satanás), chegaria ao polo oposto a Jerusalém: o hemisfério da Água, local do imponente Monte Purgatório, acesso restrito ao Paraíso. Esta cartografia é representada na imagem abaixo.

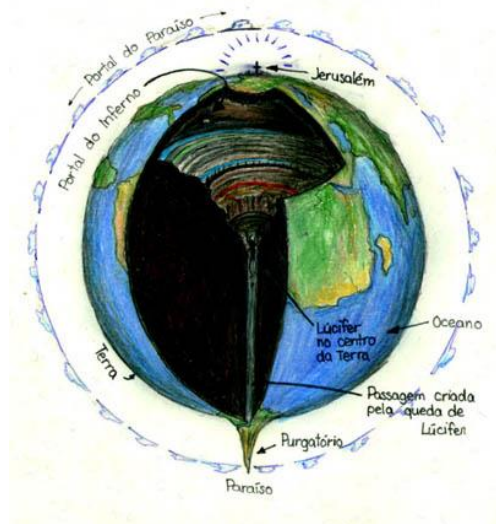


Imagem 1 - O mapa da Terra segundo Dante.

Fonte: https://stelle.com.br/pt/index_imagens.html

A imagem 1 acima aborda uma questão empírica e necessária aos sujeitos da Educação Geográfica. Ao aluno é dada a oportunidade de construir conceitos cartográficos a partir de um mundo literário e com seres mitológicos, isso proporcionado por professores mais

sensíveis e com um bom arcabouço cultural. Abre-se um novo caminho pedagógico que possibilita novas abordagens aos conceitos cartográficos, substituindo a previsível construção de mapas mentais do quarto ou da sala de aula. A comparação das representações cartográficas do real e da fantasia estimulam a criatividade do aluno e traz novos ares ao desenvolvimento intelectual na escola.

Uma vez estabelecida uma cartografia desse mundo para uma abstração minimamente espacializada, é liberado voltar aos espaços das punições, os quais quanto mais profundos, piores e claustrofóbicos são as paisagens. Todo esse peso emanado pelo exterior diabólico é absorvido por Dante, sentindo toda essa dor (que por diversas vezes desmaia em paisagens hostis).

É necessário excluir de todo esse terror do primeiro círculo, o Limbo, local destinado às almas não batizadas e pagãs (antes de Cristo). Nele, figuras conhecidas e respeitadas pelo mundo católico daquele período ali se encontravam, como Homero e o próprio Virgílio. As punições são mais brandas, *“No Limbo, com efeito, não se encontravam as mesmas torturas físicas que no resto do Inferno; provavelmente, os sofrimentos ali eram de natureza moral, ou espiritual”* (Notas explicativas por Cristiano Martins in ALIGHIERI, 1979, p.129), e como consequência a paisagem é menos agressiva:

“Andando fomos rumo à luz que eu via,
de matéria tratando tão divina,
que co'o o silêncio mais lhe dou valia.
Chegamos a um castelo na campina,
atrás de sete muros, protegido
em derredor pela água cristalina.
Por ela andamos como em chão batido;
passamos, juntamente, as sete chaves,
chegando a um prado fresco e reflorado”.
(ALIGHIERI, 1979, p.134)

Ao chegar ao círculo segundo, destinado aos luxuriosos, a punição aos pecadores é inseparável aos componentes visíveis constituintes do espaço. Ver-se-á que as intempéries da natureza são extensões naturais, indissociáveis ao terror físico e psicológico. Assim as descreve:

“E, pouco a pouco, gritos de agonia
eu fui ouvindo, e tínhamos chegado
aonde o pranto o seu clamor amplia.
Era um lugar de toda luz privado,
bramindo como o mar sob a tormenta,
quando for rudes ventos assaltado.
A borrasca infernal, que nunca assenta,
as almas vai mantendo em correria;

e voltando, e batendo, as atormenta.
(...) E tal como aos zorraís em migração
movem as próprias asas para a frente
- movia aquelas almas o tufão”
(ALIGHIERI, 1979, p.140)

A passagem do quarto para o quinto círculo, morada dos irados, enfurecidos, é determinante para esse trabalho. Há nesse trecho uma correspondência entre o imaginário em Dante, o popular e a materialização do Inferno que “desmitifica” a paisagem, ou seja, aproxima a imaginação ao real:

“E cruzamos o Círculo, saindo
rente a pequena fonte que fervia,
e por um fosso ao ia fluindo.
Negra era a água que dali corria;
nós lhe seguimos o ondular viscoso,
e abaixo fomos por estranha via.
(ALIGHIERI, 1979, p.164)

Dante, ao relatar uma “negra água” que fluía a um fosso, faz referências diretas ao Virgílio “original”. Na saga de Enéas, o herói, que fundaria Roma e o futuro império, também é obrigado a encarar os horrores do submundo. Assim descreve a entrada do Inferno:

“De amplo hiato espelunca alta e lapídea,
Fusca selva a munia e lago imane,
Sobre o qual transviar impune as aves,
Nunca puderam tal das fauces turvas
Odor exala pelo azul convexo”
(VIRGÍLIO, 2004, p.217)

O mitólogo Thomas Bulfinch (2000) encarrega-se dos versos de Virgílio acima e realiza um belo trabalho ao geografizá-los, ou seja, tira-os de um plano poético e imaginário e imanentiza-os ao físico, ao sólido, ao real:

“A região onde Virgílio localiza a entrada dessa morada dos mortos talvez seja, realmente a mais adequada para dar a ideia do terrífico e do sobrenatural em qualquer ponto da superfície terrestre. É a região vulcânica perto do Vesúvio, toda cortada de fendas, das quais se levantam chamas sulfúreas, enquanto o solo é sacudido pelo desprendimento de vapores, e ruídos misteriosos saem das entranhas da terra. Supõe-se que o Lago Averno ocupa a cratera de um vulcão extinto. Tem a forma de um círculo, com meio milha de largura, é muito profundo, e suas margens muito elevadas, eram cobertas, na época de Virgílio,

por densa floresta. Vapores mefíticos levantam-se de suas águas, de modo que não havia vida em suas margens e nenhuma ave sobrevoava” (p.316)

Uma última passagem que justifica a apuração desta obra. O nono e último círculo, este subdividido em quatro (destinado aos traidores da família, da pátria, dos amigos e dos benfeitores), chega próximo ao Inferno de John Milton em *Paraíso Perdido*:

“Fomos além, no gelo que ondeava
como um lençol por sobre os réus cruentos;
e cada qual, ali, para o alto olhava.
Do pranto o próprio pranto os tinha isentos;
e aos olhos, que o impediam, pois, subindo,
congelava, agravando os seus tormentos;
que as lágrimas, a pouco e pouco fluindo”
(ALIGHIERI, 1979, p.398)

O protestante inglês John Milton, diferentemente de Dante (ainda que o usando como principal fonte), não se prende tanto às estruturas teológicas e cartográficas comumente aceitas em sua época. Milton mistura diferentes estados de sentimentos e da natureza ao narrar a Revolução Celestial (queda de Lúcifer e sua legião), a descrição do Cosmos e a formação da Terra colonizada pelo ser humano:

Além do fluxo um frio continente
Jaz ermo, sem descanso de tormentas,
Em pegões e granizo, que em chão firme
Não se desfaz, mas forma mós, quais ruínas
De antigas construções; é neve e gelo
No resto, fundo golfo como o pântano
Entre Damietta e Cássio, monte velho
Que exércitos tragou: o ar cretado
Queima algente, e glacial age a fogueira.
(...) Sem folga, e através de vales lúgubres
Passaram, por regiões de dor, por gélidas
E férvidas montanhas, penhas, grutas,
Lagos, charcos, pauis, antros e sombras
(MILTON, 2015, p.151)

Em suma, o estudo do *Inferno* de Dante e as conseqüentes comparações de outras obras clássicas sensibiliza, proporciona maior habilidade ao geógrafo em sua leitura espacial. E novamente a cartografia revela-se como grande beneficiadora desta abordagem literária, uma vez que o professor de Geografia pode realizar atividades baseadas nessas aventuras. Baseando-se nas descrições de Dante e suas relações com as representações do mundo



real, é viável utilizar o mapa das viagens de Ulisses para introdução à Europa, assim como fazer valer o papel de Jerusalém em Dante para dar início à regionalização do Oriente Médio.

Considerações Finais

O tema gera uma onda pedagógica e criativa, possibilidades, comparações e pontes com outras disciplinas além da Literatura. Essas poucas descrições, após uma penosa e exaustiva triagem a fim de uma leitura mais direta e objetiva, apontam para a necessidade da colaboração com métodos interdisciplinares. Essa necessidade por novas aberturas e novos diálogos é explicitada por Najmanovich (2000):

“A escola da modernidade foi concebida como um espaço separado, dividido por sua vez em compartimentos impermeáveis. Cada área pretende ser independente, tem a sua própria agenda de prioridades, e faz “como que” as demais não existem. Os saberes se apresentam fragmentariamente e as ferramentas foram convertidas em fins em si mesmos” (p. 44)

A produtiva e luminosa comunhão da Literatura e da Geografia para análises de obras universais e seus símbolos possibilita compreensões indispensáveis ao geógrafo que se dedica ao ensino, mas também aos seus alunos. A leitura decodificada de Dante, bem como Homero, Virgílio, John Milton e outros, permite a quebra de um espaço metrificado e de um tempo lógico para ilustrar e construir saberes geográficos. “*Visto tratar-se das coisas eternas, a sabedoria consiste em reportar-se a quem soube mergulhar, numa data qualquer do tempo, o mais profundamente no coração da eternidade*” (SERTILLANGES, 2014, p.98).

No tocante à Geografia Cultural em si, é essencial consumir todo o estudo capitaneado por Zeny Rosendahl (citada anteriormente) e Roberto Lobato Corrêa, responsáveis pela vasta e obrigatória coleção *Geografia Cultural* lançada pela Editora UERJ. Beber dessa fonte, ainda desconhecida por muitos profissionais da Geografia, trará sempre frutos e a possibilidade de enxergar o espaço através de sentimentos e construções da alma, domínios ainda pouco explorados.

Dennis Cosgrove, já mencionado, é peça fundamental nesse tratamento do imaginário. Destarte é missão do geógrafo dinâmico, que não se contenta com abordagens superficiais, perder-se em um mundo fruto do casamento entre o sonho e o inimaginável. Outra vital ajuda vem do francês Paul Claval, que é brilhante ao demonstrar como o mito e o eixo vertical impactam o espaço real, a paisagem. Ele afirma que “*Os mitos religiosos e políticos mudam a natureza de parcelas do espaço: existem fontes, florestas, árvores e serras que viram sagradas, enquanto os seus arredores permanecem profanos*” (CLAVAL, 2002, p.24).

Este escrito não teve a intenção de tratar a Educação Geográfica, sobretudo aquela ensinada no ensino básico, como algo desinteressante. Os conceitos geográficos desenvolvidos por ela são atraentes por si só! Pretendeu-se aqui apenas demonstrar como a Literatura e uma abordagem cultural que leve em conta representações subjetivas (CLAVAL, 2002) produzem diversos efeitos positivos a professores e a alunos. Sejam resultados empíricos (cartográficos) ou na formação de professores com mais tato ao uso da imaginação na interpretação de assuntos da vida cotidiana. Demonstrou-se através da temática infernal – e caberia perfeitamente as descrições do Paraíso ou de algum reino encantado - o quanto a Geografia é infundável, ilimitada.



Referências Bibliográficas

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*, Trad. Cristiano Martins. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In CARLOS, Ana Fani et al. *A Geografia na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 1999, pp. 109-133.
- BÉRARD, Victor. *Introduction a L'Odyssée*. Paris: Les Belles Lettres, 1924.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: Rosendahl, Zeny & Corrêa, Roberto Lobato (org.). *Literatura, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007, pp. 17-77.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de Ouro da Mitologia*, Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- CLAVAL, Paul. *Terra dos Homens: a Geografia*, Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. *A Volta do Cultural: na Geografia*. In: Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 1, número 1, 2002. Pp. 19-28.
- COSGROVE, Denis. *Mundos de Significados: Geografia Cultural e Imaginação*. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural: Um Século (2)*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2000. pp. 33-60.
- DA SILVA, Vicente Ferreira. *Dialéticas das Consciências*. São Paulo: Realizações, 2009.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*, Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- ELIOT, T.S. *Notas para uma Definição de Cultura*, Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- KIRK, Russell. *A Política da Prudência*, Trad. Gustavo Santos e Márcia Xavier de Brito. São Paulo: Realizações, 2014.
- MILTON, John. *Paraíso Perdido*, Trad. Daniel Jonas. São Paulo: Editora 34, 2015.
- NAJMANOVICH, Denise. *Hacia nuevos paisajes educativos*. In CANDAU et al. *Linguagens, Espaços e Tempos no Ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, pp. 35-48.
- ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o Sagrado e o Urbano*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009.
- SEEMANN Jörn. *Mercator e os Geógrafos: em Busca de uma 'Projeção' do Mundo*. In: Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 2, número 3, 2003. Pp. 7-18.
- SERTILLANGES, A.D. *A Vida Intelectual*, Trad. Lilia Ledon da Silva. São Paulo: Realizações, 2014.
- TUAN, Yi-fu. *Paisagens do Medo*, Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.